

CONGADO E IMAGINÁRIO SOCIAL: AS DIFERENCIAÇÕES ENTRE AS GUARDAS MOÇAMBIQUE E CONGO EM BELO HORIZONTE

Aline Oliveira Dias

RESUMO

O presente estudo busca identificar os elementos construídos no imaginário social de indivíduos envolvidos no universo do Congado para organizar as diferenciações estabelecidas entre as Guardas de Congo e Moçambique. Dessa forma, serão realizadas entrevistas com indivíduos pertencentes a diferentes Irmandades de Congado em Belo Horizonte, Minas Gerais, a fim de resgatar, através da oralidade – importante meio de perpetuação de valores e rituais nessas comunidades – indícios presentes nos relatos obtidos que conduzam a uma maior compreensão dessa manifestação inserida no ciclo do Rosário.

Palavras-chave: Congado. Imaginário Social. Memória Oral. Festa de Nossa Senhora do Rosário

ABSTRACT

This present study seeks to identify the elements constructed in the social imaginary of individuals involved in the Congado's universe to organize the differentiations established between the Guards of Congo and Moçambique. Thus, interviews will be realized with individuals belonging to different Congado's Brotherhood in Belo Horizonte, Minas Gerais, to rescue, through orality – important mean of values and rituals's perpetuation in those communities – signals obtained in discourses that lead to bigger comprehension of this manifestation included in the cycle of the Rosary.

Key words: Congado. Social Imaginary. Oral Memory. Feast of Our Lady of the Rosary.

RESUMEN

Este estudio busca identificar los elementos construidos en la imaginación social de las personas que participan en el universo del Congado para organizar las diferencias entre las Guardias del Congo y Mozambique. Llevará a cabo entrevistas con personas pertenecientes a diferentes Hermandad del Congado en Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, para redimir, a través de la oralidad - importante medio de perpetuación de los valores y los rituales de estas comunidades - las pruebas obtenidas en los informes que conduzcan a una mayor comprensión de este evento incluido en el ciclo del Rosario.

Palabras clave: Congado. Imaginación Social. Memória Oral. Fiesta de Nuestra Señora del Rosario.

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o Congado, auto popular brasileiro intimamente relacionado a festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, cuja ocorrência teve início no século XVIII. E, dentro do amplo contexto dessa manifestação, o objetivo da pesquisa é identificar, de acordo com o imaginário social construído pelos membros de comunidades localizadas em Belo Horizonte, Minas Gerais, os elementos que organizam as diferenciações entre duas guardas de destaque do Congado: Congo e Moçambique.¹ Sendo o imaginário social definido como séries de símbolos, representações que os indivíduos têm acerca de si mesmos ou de uma coletividade, conforme Baczkó (1984, p.309-310). A partir da finalidade de “detectar” os diversos imaginários, é imprescindível então atentar-se aos detalhes, às pistas aparentemente mudas, aos indícios presentes nas falas e até mesmo nas formas de expressão desses indivíduos, o que corresponde à idéia de paradigma indiciário ou apoiado na semiótica, discutido por Ginzburg (1999, p.150-151).

O fato de o Congado ser uma manifestação folclórica de grande projeção especialmente em Minas Gerais, conforme Côrtes (2000, p. 144), corrobora para a necessidade de compreendê-lo em toda a sua dimensão e propiciar através do presente trabalho o entendimento para outros indivíduos. Afinal, levando em consideração meu exemplo, que, mesmo residindo no Estado de Minas Gerais, desconhecia totalmente a sua ocorrência anteriormente à integração como dançarina ao Grupo de Projeção Folclórica Sarandeiros, me permite supor que há desconhecimento de sua ocorrência, significado e importância por parte de brasileiros e, inclusive, mineiros. Pois, de acordo com Lucas (2006, p.75), o Congado é:

(...) uma tradição historicamente importante na formação cultural do país, e geograficamente tão próxima, apesar de tão distante do conhecimento e do imaginário da sociedade em geral, no que se refere ao seu contexto e significado.

Apesar da existência de sete guardas de Congado, conforme Martins (1988, p.15), a abordagem acerca apenas das guardas Congo e Moçambique do Congado diz respeito ao fato de ocorrer, na literatura, discordância demasiada e falta de esclarecimento em relação à diferenciação entre as mesmas em especial, visto que se apresentam juntas, numa sequência. E ainda, por estarem mais ligadas diretamente ao caráter sagrado da festa, e por constituírem-se como as primeiras guardas originadas no contexto do Congado.

Essas duas guardas são caracterizadas, de acordo com o relato do primeiro capitão de Moçambique, descrito por Lucas e Luz (2006, p.21), da seguinte forma:

Moçambique foi feito pra puxar coroa. Tem diversos capitão, que têm o seu bastão, que é o bastão de Nossa Senhora do Rosário. (...) Ele toca e se desloca devagar, pois foi assim que a santa foi retirada das águas. Suas cores são o azul e o branco. A guarda de Congo segue sempre à frente nos cortejos, e, com seus ritmos acelerados e rápida movimentação, tem como uma de suas funções, a de

¹ O estudo em questão foi realizado como trabalho de conclusão de curso na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, orientado pela profa. Dra. Meily Assbú Linhales.

abrir e limpar os caminhos para que o Moçambique e o reino coroado possam passar, servindo assim como um escudo de proteção para os que vêm atrás. As cores do Congo são o rosa e o branco.

A pesquisa foi direcionada a comunidades não antes pesquisadas com finalidade científica e, ao mesmo tempo, geograficamente afastadas. Dentro dessas foram identificadas as diferenciações entre as guardas através de relatos de seus membros, a partir então da oralidade. Afinal, como a memória oral é recorrente em todas essas, de forma que constitui-se como o principal meio de perpetuação e transmissão de valores, rituais, símbolos, segundo Fonseca (2006, p.4936), trata-se de um processo bastante rico e importante para pesquisas que visam compreender melhor a história e configuração desses grupos. Cabe ainda ressaltar que não se registrou uma resposta única acerca das diferenças existentes entre as guardas Congo e Moçambique, uma vez que estão sujeitas aos imaginários de cada comunidade pesquisada, o que, a meu ver, somente aumenta a relevância do presente estudo, visto que acredito que toda e qualquer comunidade ou organização destinada à perpetuação de tradições folclóricas brasileiras merece respaldo e, portanto, deve ser pesquisada a fim de registrar o que, muitas vezes, somente transmite-se por meio da oralidade, para assegurar a conservação de toda uma trajetória histórico-cultural.

AS FESTAS VISTAS DE PERTO

A estratégia metodológica adotada na pesquisa foi a realização das entrevistas com congadeiros nos dias de festa, para que eu pudesse, além de ouvir os depoimentos, presenciar, participar e observar de perto as Guardas, as músicas e os rituais que envolvem a manifestação. Para efetivar essa estratégia fui orientada por Juliana Garcia² a estabelecer contato com Dirceu Ferreira Sérgio, capitão regente da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis e vice-presidente do CETTRO (Centro de Tradições do Rosário)³, uma vez que necessitava da autorização dele acerca da possibilidade de realizar a pesquisa. Ele consentiu com o estudo, e indicou a festa dos Arturos, no dia 12 de outubro (dia de Nossa Senhora Aparecida), e a festa de sua comunidade, no dia 19 de outubro (homenagem a Nossa Senhora do Rosário).

Em ambas as festas, estávamos presentes e fomos acolhidas por todos os membros das Irmandades presentes. Apesar de homenagear santos diferentes, houve uma sequência de rituais seguidos por ambas comunidades para realização da festa: a subida da bandeira de aviso uma semana anterior; levantamento das bandeiras de promessa na sexta-feira anterior à festa⁴; a procissão das Guardas da sede até a Igreja da sede ou mais próxima dessa; a realização da Missa Congo por volta de 10 horas da manhã na Igreja determinada; a procissão das Guardas da Igreja até a capela da sede; o cumprimento das promessas; o oferecimento do almoço; o momento da pinga, das partilhas entre as Guardas e o descanso dos congadeiros; a procissão com os andores santos pela cidade; o retorno à capela da sede para entrega dos andores e dos bastões e espadas; a despedida das Guardas; o encerramento, no dia seguinte, com anunciação dos

² Juliana Garcia é mestranda em Antropologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, e apresenta como objeto de estudo os fatores comuns e as relações estabelecidas nas diferentes festas realizadas pelas Irmandades.

³ Existem hoje cerca de 300 Guardas, filiadas ao CETTRO.

⁴ A bandeira apresenta a padroeira ou o padroeiro referente a cada Guarda ou ao santo de promessa de uma pessoa.

próximos Reis Festeiros, através da transmissão da coroa, capa e bastão dos Reis atuais para os mesmos; a descida do mastro, no domingo posterior, para anunciar o término do período de festividades.

Por sua vez, em todas essas etapas, todos os congadeiros seguiram condutas em comum. Ao atingirem a entrada da capela, as guardas de Congo pararam e abriram o caminho, formando uma espécie de corredor para as guardas de Moçambique passarem. Por conseguinte, uma guarda por vez entrou na capela, onde cantou, louvou, beijou a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e se retirou de frente para o altar e de costas para a porta⁵. Após saírem da capela, as Guardas executaram voltas ao redor da capela, sempre cantando e dançando, a fim de cumprir promessa e, por conseguinte, foram convidadas a almoçar, seguindo a ordem e um tempo máximo de 25 minutos. Ambas comunidades organizaram barracas com quitutes e bebidas, inclusive alcoólicas, além de enfeitar a sede e o percurso da procissão, e providenciar os fogos para “iluminar” o caminho.

Percebi ainda que todas as Guardas de Congo seguem à frente às de Moçambique, em todos os rituais, de modo que o Congo e o Moçambique, de uma mesma Irmandade, permaneceram separados, sendo a primeira Guarda de Congo e a última de Moçambique dos Arturos no caso da primeira festa, e de Justinópolis, na segunda. Possivelmente, acredito, essa disposição deve-se à função das Guardas, pois, segundo a literatura, a Guarda de Congo abre caminhos para que o Moçambique passe com o trono coroado⁶.

Os cantos são elementos intrínsecos a todo o processo, carregando uma teia de significados. A Guarda de Moçambique de Justinópolis, por exemplo, no momento de saída da casa onde a bandeira de aviso havia sido guardada, entoou, para agradecer a acolhida e o alimento oferecido pela dona da casa, “Agora vou simhora, São Benedito que abençoa o Castelo da Senhora”. Acredito que entoaram essa canção a São Benedito, particularmente, pois é um santo cozinheiro, ligado portanto às refeições.

Também observei a existência de condutas seguidas dentro das relações estabelecidas entre os diversos grupos envolvidos no Congado. Todos presentes cumprimentavam os capitães segurando a mão desses envolta nos bastões dos mesmos, realizando sinal da cruz. E, presenciei uma tentativa de acordo entre Dirceu e a Guarda de Marujos do Retiro, presente na festa dos Arturos, em que o primeiro convidou-a para sua festa de modo que asseguraria a presença da Irmandade de Justinópolis na festa do Retiro caso comparecesse.

Cabe ressaltar que não realizei entrevistas na primeira festa, pois avaliei que o primeiro contato seria importante para conversar informalmente acerca do Congado, me aproximar dos indivíduos, compartilhar os rituais, a festa, me inserir no universo dessas pessoas. Desse modo, realizei-as apenas em Justinópolis, durante o período de descanso dos indivíduos posterior ao almoço. O roteiro foi construído com a finalidade de direcionar as perguntas da melhor forma a atender aos anseios da pesquisa. Cabe ressaltar que as perguntas não seguiram precisamente uma ordem determinada, pois

⁵ Tradição dos congadeiros para nunca dar as costas para o altar de Nossa Senhora do Rosário, em sinal de respeito.

⁶ Segundo o livro *Introdução ao estudo do Congado* (1974, p. 23 a 24), o trono coroado ou reinado é composto por Rei e Rainha Congo, responsáveis por exercer a soberania simbólica; Rei e/ou Rainha Perpétuos, eleitos por aclamação; Rei e Rainha Festeiros ou do Ano, com função de oferecer alimento às Guardas e seus respectivos reinados presentes no dia de festa; Rei e Rainha de Promessa, cuja promessa aos santos envolve a obrigação de “reinar”; Príncipes e Princesas, acompanhantes dos Reis.

submeteram-se à ordem lógica estabelecida pelos entrevistados, conduzindo a entrevista por caminhos distintos.

Os entrevistados foram escolhidos no contexto da festa, conforme disponibilidade. Os relatos foram gravados e em seguida digitados para posterior análise. Anteriormente à realização da entrevista, informei-os acerca dos objetivos da pesquisa e da liberdade em não responder alguma pergunta por motivos particulares ou coletivos.

Desse modo, os entrevistados foram:

- Maria, dançante da Guarda de Congo Feminina da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Ciríacos, bairro Novo Progresso, filha do capitão mor, Antônio Jorge Muniz, o Toinzinho;
- Danilo Antônio de Souza, vice-regente da Guarda de Moçambique dos Ciríacos;
- Edna Diniz Silva, dançante e presidente da Guarda de Moçambique de São Sebastião de Justinópolis, da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, cujo capitão mor é José Nascimento, Seu Zezé;
- Manoel Fonseca dos Reis, presidente do Centro de Tradições do Rosário do Estado Maior de Minas Gerais (CETTRO) e Rei Perpétuo da Ordem Templária da Cruz Santo Antônio de Pádua;
- José Antônio Rodrigues, caixeiro da Guarda de Congo Masculina (cujo capitão é José Apolinário) da Irmandade Nossa Senhora do Rosário do Jatobá.

Para abordar o tema específico deste artigo serão apresentadas as visões produzidas pelos sujeitos acerca dos temas:

a) O processo de constituição das comunidades

Nesse tópico os indivíduos discorreram sobre a formação de cada comunidade quanto ao número de componentes, à filiação ao CETTRO e às datas festivas. Como apenas a Irmandade do entrevistado Manoel recebe a denominação de Ordem Templária, fundada por ele na década de 80, indaguei o mesmo acerca do termo, o qual então me explicou:

É um segmento, dentro da estrutura da Idade Média, que trabalha junto com a Igreja Católica Apostólica Romana, na defesa dos peregrinos aqui no caso do Rosário. Então é uma entidade que forma guardiões-coroa que são os que mantêm a, esse tipo de tradição. A estrutura nossa é, ao mesmo tempo que religiosa, militar, tanto é que o pessoal todo anda armado, pra proteger esse grupo.

De acordo com Maria, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Ciríacos abrange cerca de 150 pessoas. Danilo relatou que a Guarda de Moçambique dos Ciríacos deve apresentar, no mínimo 67 a 80 pessoas. Segundo Edna, contando as Guardas de Congo e Moçambique de Justinópolis, há cerca de 70 componentes, sendo cerca de 35 no Moçambique. Manoel relatou não saber o número certo de indivíduos que integram a Ordem, nem estimativa. E José Antônio relatou que há cerca de 26 pessoas na Guarda de Congo Masculina de Jatobá. Entretanto, acredito os entrevistados consideram como membros todos os que contribuem, mesmo que não participem das

festas e dos rituais, afinal, ao observar essas Guardas percebi que o número de indivíduos é muito aquém ao relatado.

Todas as comunidades entrevistadas são filiadas ao CETTRO, com exceção da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Ciríacos. Me chamou a atenção o fato de Maria não saber discorrer sobre a filiação: “Ah, isso eu não sei...”. Afinal, expõe a possibilidade de alguns indivíduos ficarem à margem de alguns assuntos que envolvem a comunidade, ou por falta de interesse ou devido à posição ocupada dentro da Guarda, uma vez que Danilo relatou que o registro irá ocorrer.

Com relação às festas, ambos Maria e Danilo afirmaram que realizam duas festas. Uma no dia 13 de maio, dia de abolição da escravatura, em homenagem a São Benedito, “A Cozinha de São Benedito”, e outra, denominada de Festa Grande⁷, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, no último domingo de setembro, em que comparecem em torno de 16 a 20 Guardas. Edna relatou que eles executam três festas ao longo do ano, sendo a primeira por volta do dia 20 de janeiro (dia de São Sebastião), em homenagem a esse Santo, a segunda em abril, para São Benedito, e a festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, comparecendo cerca de 25 Guardas. Manoel esclareceu que há duas festas, sendo uma no último domingo de novembro, chamada de Capítulo Geral de Nossa Senhora das Graças, que, além de homenagear essa Santa, ainda corresponde ao início do ano litúrgico-ritualístico (conforme tradições da Igreja Católica), o que corresponde à festa de Cristo Rei, da Igreja Católica, de forma que os portais do Templo são abertos para que a pessoa possa entrar ou sair da Irmandade dignamente, de acordo com uma conjunção de rituais da Ordem e do Moçambique, uma vez que são moçambiqueiros. Essa então, é uma festa menor, que ocorre dentro dos portões da Ordem. A segunda festa ocorre no segundo domingo de junho, em homenagem a Santo Antônio, e a Nossa Senhora do Rosário, padroeira da Pampulha, sendo maior, pois abrange diversas Guardas. E, José Antônio relata que a festa de Jatobá acontece no último domingo de agosto, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito.

b) Origens do Congado e hierarquias internas

Quanto à origem do Congado, Danilo e Edna destacam que o auto consolidou-se aqui no Brasil, sem, contudo, desconsiderar que houve influência africana. Afinal, Danilo afirma que “O Congado surgiu, na minha opinião, desde a África. Mas aqui... é aonde a raiz foi mais forte. Aqui é onde o fundamento foi maior. Lá, trouxemos as lembranças. Aqui, as vivências.”. Edna pontua: “(...) trouxe as raízes de lá mas foi fundado mesmo aqui.”. Manoel já pondera que nunca houve Congado na África:

Ele surgiu aqui no Brasil. Não tem nem, na África, em lugar nenhum da África existe o Congado, tá? Em 1000, 1493, o rei do Congo começa o intercâmbio comercial com Portugal, e manda pessoas da corte do Congo pra ir estudar em Lisboa, e lá eles tinham contato com os dominicanos, e aí os dominicanos vão no intercâmbio religioso pra Congo, e o rei pede pra ser batizado e oficializa a Igreja Católica, o Congo agora tem religião. Então, os dominicanos vêm aqui pra fazer a catequese e leva a devoção do rosário, aí a estrutura portuguesa militar mais a estrutura monárquica africana vem pro Brasil em 1552, da 1ª Irmandade

⁷ Muitos congadeiros se referem à festa em que homenageiam Nossa Senhora do Rosário como “Festa Grande”, possivelmente por ser a Santa de devoção comum a todas as Guardas.

nossa aqui. Aí, aqui no Brasil então, é que começa essa estrutura porque estão vindo os escravos, e aí tem essa posição militar, a posição religiosa e só por volta de 1695 é que surge então essa estrutura nossa. Mais aqui no Brasil, e foi no Rio de Janeiro, tá? Então por volta de 1700 as Guardas, não tinha esse termo de Guardas, era Irmandade Nossa Senhora do Rosário, já se reuniam, já tinham a estrutura que nós conhecemos hoje. E por volta de 1805, então foi definidas coisas que prevalecem até nossos dias como cada agrupamento, que eu vou chamar de Guarda, teria que ser reunido de acordo com a ancestralidade, então assim quem era Cabino teria que juntar com os Cabina, quem era Banto tinha que juntar com os Banto, e aí começou a separar e nas Guardas só podia ter um rei Congo, uma rainha Congo, que antes tinham muitos, então várias codificações estabelecidas naquela época prevalecem até hoje, pelo menos na roupa que a gente usa, o fardamento.

Considero essa posição defendida por Manoel um pouco contraditória, pois, pode até não ter existido o Congado conforme configurado hoje, mas a influência africana foi imprescindível para o surgimento desse, afinal, conforme o mesmo fala “a estrutura portuguesa militar mais a estrutura monárquica africana vem pro Brasil em 1552, da 1ª Irmandade nossa aqui”. Tanto Maria como José Antônio acreditam que o Congado originou-se na África, porém somente afirmaram, não discorreram sobre.

E, ao perguntar sobre a existência de Chico Rei, todos afirmam que acreditam em Chico Rei, porém apenas Edna e Manoel relatam algo mais acerca dele. Edna ao afirmar que ele foi importante uma vez que foi o primeiro Rei Congo de Minas Gerais. Manoel destaca que ele foi um escravo batizado com nome de Francisco Natividade, sendo deportado para o Brasil para trabalhar na mina da encardideira, denominada agora mina de Chico Rei, em Ouro Preto, considerando como fato real, e não lenda. Acredito que o fato de afirmarem com convicção a crença em Chico Rei, apesar de não atribuir maiores explicações, corresponde à ideia de tradição, de valorização do conhecimento e das histórias dos mais antigos, de forma que não importa como ocorreu, mas sim as pessoas que perpassam a ideia que ele existiu.

Ainda relacionado a Chico Rei, perguntei aos entrevistados se acreditam na ideia difundida pela literatura, em que o Moçambique seria a “Guarda preferida de Chico Rei”. Todos os entrevistados consideraram inadequado esse julgamento, consistindo numa especulação, pois, como Edna pondera:

Não acho que seja a preferida. É porque às vezes a pessoa interpreta mal porque o Moçambique ele que é o pé de coroa, então é ele que carrega o coroadado. Não é menos importante não porque o Congo, o Vilão, o Catopê, ele é o abre caminho, ele vai abrindo caminho com festa, com alegria e nós vão atrás carregando o trono mais, mais com firmeza, carregando o trono coroadado.

Como evidenciado por Edna, essa ideia provavelmente surgiu do fato de o Moçambique ter a função de conduzir o trono coroadado, a bandeira, conduzindo ao equívoco de considera-lo como preferido ou mais importante. Afinal, a relação entre as duas Guardas, apesar das diferenças quanto à função, vestimentas, instrumentos, danças, baseia-se no princípio de unidade, de complementaridade, defendido por Danilo, ao pontuar:

Não existe é... essa preferência. Na verdade o Moçambique é realmente, ele é o dono de coroa, ele é que puxa Nossa Senhora coroada. Mas o Congo vem na frente mostrando o caminho. Porque ele que vem levantando Nossa Senhora, então não tem o porquê dessa diferença.

A hierarquia e o modo de defini-la é descrito por cada entrevistado. É consenso comum o fato de as funções serem definidas pelo capitão mor, uma vez que é a pessoa, dentro da Irmandade, que, através da convivência conhece melhor cada indivíduo, e, por sua vez, aquele que possui perfil para exercer uma determinada função, habilidade, conforme temperamento de cada um. Maria ainda acrescenta que as funções obedecem a uma ancestralidade, sendo passadas de geração para geração. Com relação aos postos hierárquicos, todos destacaram o capitão mor, responsável por comandar toda a hierarquia; o capitão regente e o vice-regente, responsáveis por auxiliar o capitão mor em todas as suas funções, como comandar Guarda, tirar coroa, entrar na Igreja; 1º, 2º e 3º capitães, que também comandam os vassallos; e os dançantes, responsáveis por dançar, cantar e tocar (os súditos de Nossa Senhora).

c) Os múltiplos Congos e Moçambiques

Acerca dos possíveis tipos de Congo, cada entrevistado apresentou uma resposta peculiar. Maria relatou que há vários tipos de Congo, definindo, contudo, apenas o “Congo legítimo”, que seria igual à Guarda de que faz parte, pois os membros utilizam o capacete, repleto de fitas multicores e espelhos, e saiote. Danilo define o Congo Viola, ou Marujada, em que a participação masculina é maior, e o Congo comum, dos marinheiros, em que há maior número de mulheres. Já Edna segrega o Congo em dois, o Congo Viola e o Congo Misto, em que o primeiro contém apenas homens e o segundo apresenta mulheres em sua maioria, mas caixeiros homens, por isso o termo misto. José Antônio apenas destaca que o Congo Saiote é aquele que utiliza o saiote como vestimenta, enquanto os outros não. Manoel, entretanto, considera que há cerca de 20 a 25 subdivisões dentro da Nação de Congo, que apresentam a mesma estrutura, a mesma função, a mesma marcha melódica, mas diferem ou pelo fardamento, como o Feminino ao usar boina, os Marinheiros com a farda de marinheiro propriamente dita; ou pela disposição coreográfica, como o calango e o ligeirinho, em que há duas filas de forma que cada uma se desloca em uma direção, bem acelerado. Acredito que essa diferença existente entre os indivíduos de Guardas diferentes ou até de uma mesma Guarda depende do referencial escolhido (vestimenta, por exemplo) por cada um deles para estabelecê-la.

Ainda com relação ao Congo, mais precisamente à participação feminina nas Guardas de Congo, Edna pondera a característica mais alegre e festiva do Congo, repleto de enfeites, o que “não fica muito bem pra um homem, né?”, ao contrário do Moçambique, mais concentrado, fechado, sem julgar o Congo como uma Guarda sem seriedade, sem propósito. Maria explicou que a Guarda de Moçambique estava repleta de integrantes, então a solução foi segregar as mulheres em uma Guarda de Congo. Já Danilo e Manoel atentam para a antiga – e até recorrente – intolerância à presença feminina no Congado, principalmente no Moçambique e no Candombe, de modo que, a fim de não mais deixar a mulher alheia aos rituais, às festas, permitiram a participação das mesmas nas Guardas de Congo. Será que as duas entrevistadas desconhecem essa versão ou não quiseram aborda-la, como mulheres, internalizando outros acontecimentos que também contribuíram para essa participação?

O questionamento acerca dos possíveis tipos de Moçambique foi respondido da mesma forma por todos os entrevistados, com exceção de Manoel. Afinal, todos afirmaram que o Moçambique é um só, e Manoel, em contrapartida, destaca que há o Moçambique Africano e os Paulista e Mineiro, sendo que no primeiro as gungas são fixadas nos tornozelos, e nos demais as gungas encontram-se nos joelhos, podendo, inclusive, embora seja muito raro, empregar violas.

d) Musicalidade presente nas Guardas

Em relação aos instrumentos, músicas e marchas, os indivíduos empregaram termos como “batida mais parada, mais socada”, “mais devagar”, ao se referirem ao Moçambique, e “mais acelerado”, “mais corrido”, ao Congo. Mais precisamente aos instrumentos, Edna relatou que são comuns às duas Guardas, sendo as caixas, constituindo fatores diferentes apenas as marchas, pois no Congo tem-se a marcha grave, picada, dobrado, enquanto o Moçambique apresenta serra abaixo, serra acima e trivolgo, apresentando também as gungas para ajudar a marcar a batida. Manoel complementa ao destacar que no Moçambique, além das caixas-congo apenas a pantangoma é empregada como elemento de percussão, sendo proibida a utilização de instrumentos de sopro, de fole, de corda, por ser uma tradição africana “mais antiga”, “mais pura”;⁸ o Congo, por outro lado, devido à influência portuguesa, envolve violas, rabecas, sanfonas, violões, ou seja, instrumentos de fole e de corda. Já o entrevistado Danilo analisa as músicas das duas Guardas, destacando que são coerentes com as características dessas, uma vez que as letras entoadas pelos moçambiqueiros relacionam-se ao fato de serem um povo que viveu longe do mar, mas perto do rio, cuja administração ocorreu na terra, constituindo-se mais cativos, mais ligados à mãe velha. Já as canções da Guarda de Congo envolvem o canto do mar, por serem marinheiros, como exemplificou: “Ô Sereia, ô Sereia. Saia do fundo do mar, venha brincar na areia, pra fazer o mar balançar, ô Sereia.”

e) Funções atribuídas às Guardas

Ao relatar as diferenças de função entre as duas Guardas nos dias de festa, Maria, Danilo e Manoel destacam que o Moçambique é responsável por conduzir o trono coroadado, a bandeira, e o Congo, por chamar o povo, alegrar a festa, recepcionar os visitantes. Manoel ainda complementa ao explicitar que essa diferença com relação à função baseia-se em duas versões. A primeira corresponde à falta de coragem da Guarda de Congo, antigamente, em entrar com o andor de Nossa Senhora do Rosário na Igreja Católica, sendo esse então conduzido pelos moçambiqueiros. A segunda relaciona-se ao mito de aparição de Nossa Senhora do Rosário, em que os integrantes da Guarda de Congo tocaram e realizaram movimentos acelerados, com idas e voltas, “cansando” a Santa, à contrapartida do Moçambique, com movimentos calmos, cabeça direcionada ao chão, e ainda, por afastar-se da água de frente para a Santa, agradando-a⁹, fazendo com

⁸ Essa expressão pronunciada por ele como tradição “mais pura” contradiz a ideia de mestiçagem defendida por Gruzinski (2001, p.42-43), pois, segundo o autor, não há uma cultura pura, uma vez que esse termo confere a existência de uma cultura impura, e, por consequência, a imposição de uma cultura sobre a outra.

⁹ De acordo com Manoel, a Santa teria chorado de emoção, de modo que as lágrimas que atingiram as águas viraram estrela do mar e as que atingiram a areia, tornaram-se as sementes empregadas para confeccionar o rosário.

que ela os acompanhasse. E ainda, expõe que os Congos abrem caminho e os moçambiqueiros então conduzem o trono coroado porque, como esse é o tesouro da Guarda, posicionado atrás estará mais protegido.

Danilo aborda a questão coreográfica como um aspecto transmitido de geração a geração, em ambas as Guardas, apreendido desde criança, ao observar os mais velhos, seguindo o ritmo ditado pelas caixas. José Antônio e Manoel destacam a característica agitada, corrida das Guardas de Congo, sendo que inclusive descrevem disposições coreográficas como meias-lua, idas e voltas, em contrapartida, a movimentação mais contida do Moçambique, em direção ao chão. Edna e Maria evidenciam a unidade coreográfica existente nas Guardas de Congo, o que requer inclusive ensaio, ao contrário do Moçambique, cujos integrantes dançam de forma particular, em uma espécie de marcação, direcionada ao chão.

f) Vestimentas congas e moçambiqueiras

No que diz respeito à vestimenta, Maria relatou que o emprego do capacete com fitas multicores aponta que a Guarda é feminina, além de vestir o saiote. Já o Moçambique utiliza chapéu, gungas, proibidos no caso das Guardas de Congo. Danilo indicou que a cor padrão para a roupa é o branco, sendo que as outras cores são utilizadas conforme a cor da padroeira, pois ao usar a mesma cor dela estariam recebendo as bênçãos que ela recebeu. Edna disse que o padrão é o branco e, no caso da Guarda de Moçambique de Justinópolis, o azul e o amarelo também. No caso da Guarda de Congo, entretanto, todas as cores podem ser utilizadas, conforme decisão do capitão mor. Ela compartilha da mesma opinião que Danilo em relação ao emprego de chapéu ou turbante, seguindo o padrão de chapéu efetuado com rosários. Ele acrescenta ao evidenciar que tanto o uso do chapéu quanto o do turbante é correto, pois o primeiro representa os pretos velhos enquanto que o último as pretas velhas. Manoel, entretanto considera o uso do chapéu como um processo de descaracterização, relatando a vestimenta do Moçambique como saiote brancos, gungas nos tornozelos ou joelhos, turbante e brincos. E, a do Congo, seria, por padronização, roupas brancas, associadas ao uso de fitas coloridas, flores, espelhos, todo tipo de enfeite. É interessante verificar em que elementos os indivíduos se apoiam para padronizar as vestimentas, pois ao comparar Danilo e Manoel, por exemplo, percebe-se que o uso do chapéu pelo primeiro é considerado totalmente correto por basear-se numa tradição, à medida que, para Manoel, consiste em um processo de descaracterização, de contrariedade à tradição.

g) Semelhança existente entre as Guardas

Ao indagar os entrevistados acerca da existência de um fator que garante a semelhança entre as duas Guardas, foram encontradas respostas distintas. Manoel afirma que a única semelhança é a devoção a Nossa Senhora do Rosário, além dos rituais, pois apesar de estarem sempre juntos, são totalmente diferentes. Danilo também relata que o único fator que os une é a fé, o interesse comum em louvar a Nossa Senhora e adorar a Jesus Cristo. Para Edna, envolve “a alegria, o gostar, a promessa, a fé, a homenagem a Nossa Senhora. (...) porque, quando ta terminando a festa, (...) a gente fica junto, aí o Congo canta junto com o Moçambique, o Moçambique canta e as meninas do Congo vêm também cantar sabe, é uma parceira assim muito bonita, muito grande”. Já para Maria não pode nem se falar em semelhança, visto que considera as duas Guardas como uma só, pois “Só o ritmo que é... diferente. A nossa Irmandade pelo

menos... Onde uma Guarda ta a outra ta, então a gente é muito unido, é sempre junto.” Percebo que talvez para Manoel e Danilo, os elementos de diferenciação entre as duas Guardas é mais marcante que a própria unidade em devoção a Nossa Senhora do Rosário, enquanto que para as entrevistadas, as diferenças acabam tornando-se despercebidas em meio a fé, a alegria, à festa.

ARREMATAS FINAIS

Após percorrer o universo do Congado, estabelecer contatos e relações de amizade, possuir uma participação ativa e desprendida nas festas, louvar, cantar e dançar junto com os congadeiros em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, desfrutar dos quitutes disponibilizados nas festas, apresento registros enriquecedores e fundamentais para, juntamente com o arcabouço teórico, delimitar as conclusões finais do estudo.

Sobre o processo de trabalho ressalto que a realização das entrevistas no contexto das festas garantiu pontos positivos, mas também, dificuldades. Consistiu em uma estratégia metodológica adequada pois os indivíduos encontravam-se em festa, estavam “em casa”, o que reduziu o constrangimento e, por sua vez, a contenção de informações. E ainda, permitiu que além de ouvir os relatos, pudesse ver o que esses retratavam, além de me aproximar dos indivíduos e compartilhar dos elementos importantes para cada um deles, no contexto do Congado e da festa em si. Entretanto, o fato de os elementos discorridos envolverem uma gestualidade, uma corporeidade, dificultou a transcrição desses, em forma textual, o que, porém, não impediu que conseguisse fazer registros. Os ruídos da gravação decorrentes das cantorias e tambores próximos prejudicaram a compreensão dos discursos.

Além das dificuldades descritas acima, houve, a princípio, resistência de alguns indivíduos à gravação e até mesmo, à entrevista. Tanto por considerarem que não detinham saberes para responder, o que contornei ao afirmar que, como participam intensamente das festas e dos rituais, têm muito a contribuir para a pesquisa; como por preferirem conversar ao invés de gravar, ao dizer que o que contam não consiste na verdade, também contornado ao explicitar que o meu objetivo não refere a um estabelecimento da verdade, mas à escuta do que todos têm a relatar.

Conforme previsto, para estabelecer as diferenciações e, inclusive, as semelhanças entre as Guardas de Congo e Moçambique, os pontos de vista apresentados por cada entrevistado, mesmo no interior de uma mesma Guarda, dependem de um conjunto de experiências desse com o Congado. E também com as demais Guardas, conforme a função ocupada no interior da Guarda, a crença e a valorização dos mais antigos na construção de histórias como fatos. Afinal, pôde ser observado que cada indivíduo apresenta elementos diferentes que compõem um imaginário social construído individual e coletivamente, com relação aos temas abordados no roteiro de entrevista, e que, portanto não há uma resposta única, uma verdade estabelecida.

Um fato importante de ser ressaltado foi a divergência entre os relatos de Danilo e Maria, integrantes de uma mesma comunidade, possivelmente devido às funções desempenhadas no grupo. Afinal, a divergência entre comunidades já era esperada, pois envolvem capitães, construção histórica, tradições diferentes, apesar da congruência com relação aos rituais, às festas, às músicas. Então, entre indivíduos de uma mesma comunidade, era mais difícil de se prever. E, nesse caso, acredito que a hierarquia é o

fato central para produzir essa diferenciação, indicado principalmente ao indagar sobre a filiação ao CETTRO, fator totalmente desconhecido por Maria: “Ah, isso eu não sei...”.

É imprescindível destacar que os indivíduos demonstraram apoiar-se em referenciais distintos para distinguir as Guardas de Congo e Moçambique, também edificados pelo imaginário social desses sujeitos. Esse ponto é exposto, por exemplo, ao estabelecer as classificações das possíveis Guardas de Congo. Uma vez que cada entrevistado seguiu um padrão de referência, que é seu, próprio e, ao mesmo tempo, parte que permeia essa classificação.

Na sua construção, essa pesquisa não teve o propósito de encontrar e, muito menos, de impor alguma verdade. Direccionou-se a revelar o que os participantes do Congado relatam acerca das diferenciações entre Congo e Moçambique, além de fatores como origem do Congado, existência de Chico Rei, estabelecimento da hierarquia. O objetivo também não era confrontar os relatos de campo com autores renomados, mas sim valorizar o que os indivíduos, em relação direta com essa manifestação, têm a discorrer acerca do universo envolto por esse auto, atentando-se aos detalhes, aos gestos, às pistas re-veladas pelos discursos. Esclareço, então, que o mais importante não é a discussão entre certo e errado, real ou ilusório, mas sim compreender e enaltecer os elementos que constituem a tradição, o imaginário, perpassados através da oralidade.

A opção em pesquisar as diferenciações existentes entre apenas as Guardas de Congo e Moçambique ocorreu devido ao fato da organização sequencial dessas nos dias de festa, à função exercida pelas mesmas, e ainda, por serem, elas, as duas primeiras Guardas originadas dentro dessa manifestação. Esses aspectos foram reforçados ao realizar a pesquisa de campo, pois visualizei em todas as festas que essas duas Guardas, em especial, detêm funções demarcadas e imprescindíveis para a realização das festas, seguindo uma estrutura de organização, em que o Congo sempre se encontra à frente do Moçambique, ordem baseada também na própria origem desse auto. Afinal, a ausência das demais Guardas não prejudicou a concretização dos rituais e da festa como um todo, sendo que apenas na Festa dos Arturos houve a participação de uma Guarda de Marujos.

Além das peculiaridades dos indivíduos e das duas Guardas abordadas, pude, ao participar das festas, observar que há uma sistematização que rege o Congado como um todo. Desde o estabelecimento de equipes para limpar a sede, preparar os alimentos, enfeitar a capela, o caminho da procissão e a sede, até o acordo entre comunidades para comparecerem às festas – como a tentativa de acordo entre o capitão Dirceu e o presidente da Guarda do Retiro, em que o primeiro convida o segundo para sua festa, garantindo sua presença caso este compareça. Esses pontos demonstram que a festa, assim como os rituais, não são improvisos aleatórios, sem padrões e cuidados a serem seguidos, o que inclui a própria relação entre as comunidades.

A mediação realizada por Juliana constituiu-se como fundamental para que a pesquisa se efetivasse. Afinal, sem a intercessão estabelecida por ela para integrar-me ao universo desses indivíduos, seria impossível concretizar as entrevistas com tamanha proximidade a essas pessoas, o que impediria, ou pelo menos reduziria, a abertura das mesmas em discursar acerca dos pontos abordados.

Finalmente destaco que, em meio à complexidade e riqueza abarcadas pelo amplo universo do Congado, esse estudo apresenta-se como ponto de partida aos meus anseios como pesquisadora. Afinal, o número de entrevistados foi pequeno, face ao curto tempo disponível para a pesquisa e às dificuldades metodológicas encontradas nessa primeira experiência. Desse modo, declaro minha intenção em continuar os estudos acerca dessa importante manifestação no cenário sócio-cultural e religioso brasileiro.

E que venham as próximas festas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984, v.5. 311p.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. *Dança, Brasil!: festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000, v.1. 192p.

FONSECA, Mariana Bracks. Educação pelos tambores - a transmissão da tradição oral no Candombe do Açude. In: IV Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. *Anais do IV Congresso Luso-brasileiro de História da Educação*, 2006. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 281p.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 398p.

INTRODUÇÃO ao estudo do congado. Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 1974. 104p.

LUCAS, Glaura; LUZ, José Bonifácio da; *Comunidade negra dos Arturos. Cantando e reinando com os Arturos*. Belo Horizonte: Rona, 2006. 108 p. 02 CDs-ROM.

LUCAS, Glaura. Diferentes perspectivas sobre o contexto e o significado do congado mineiro. In: TUGNY, Rosângela Pereira; QUEIROZ, Ruben Caixeta de.; QUEIROZ, Ruben Caixeta de.; LUHNING, Angela; ARAUJO, Samuel; LUCAS, Glaura; GASPARINO, Margarida Cassimiro; FARIA, Victor Lúcio Pimenta de; LUCAS. *Músicas africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 359 p. 02 CDs-ROM.

MARTINS, Saul. *Congado: família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1988. 47p.

Aline Oliveira Dias

Endereço: Rua dos Guajajaras, 771, apto 1704, Centro, Belo Horizonte, Minas Gerais.

E-mail: liliudias@hotmail.com

Recurso tecnológico: Computador e data show para apresentação em Power Point.